

## **UM BREVE OLHAR SOBRE ANGOLA A PARTIR DA OBRA *AS AVENTURAS DE NGUNGA*, DE PEPETELA.**

BÁRBARA JUCINSKY SCHMITT<sup>1</sup>

### **À GUIA DE CURIOSIDADE: SOBRE PEPETELA E SUA RELAÇÃO COM ANGOLA**

A obra *As Aventuras de Ngunga* foi escrita por Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido pelo seu pseudônimo Pepetela (pestanda em umbundo, uma das línguas faladas em Angola), nasceu em Benguela, Angola, em 29 de Outubro de 1941. Descendente de uma família colonial portuguesa, seus pais já haviam nascido em Angola. O autor foi membro do MPLA (Movimento pela libertação de Angola), tendo participado dos confrontos armados pela independência.

Angola, país da costa Ocidental da África, foi uma colônia portuguesa entre o século XVI e a ano de 1975. Em 1961, o país entrou em um conflito anticolonial, que teve seu término em 1975, ano em que foi proclamada a República Popular de Angola. Seu presidente era Agostinho Neto, líder do MPLA, contudo a FNLA e a UNITA não aceitaram a liderança por parte do MPLA e instaurou-se uma guerra civil em Angola, que durou até o ano de 2002.

O livro *As Aventuras de Ngunga* foi escrito durante a luta anticolonial, em 1972, e publicado um ano depois, em forma mimeografada, na floresta de Mayombe. O objetivo inicial da obra era de servir como uma cartilha para a alfabetização das pessoas. Deveria ser um material didático bastante próximo ao público leitor.

De acordo com a professora Jane Tutikian

Pepetela situa-se entre esses autores que trazem consigo a sina da procura pela identidade nacional. Na verdade a identidade é o elemento chave na literatura angolana pós-independência, que, Pepetela, se coloca a partir da “cartilha” para guerrilheiros adultos, *As Aventuras de Ngunga* (1972), configurando uma trajetória que passa de forma significativa por *Mayombe*

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale [basschmitt@gmail.com](mailto:basschmitt@gmail.com). Bolsista Capes.



(1980), *Lueji: o nascimento de um império* (1985) e *Yaka* (1984). [...] Há, também, no pós-colonialismo, uma identidade literária em formação, onde o bilinguismo aflora, a ambiguidade cultural, e o próprio hibridismo,

provocadas pelo processo histórico tornam-se fortes presenças. Pepetela nasceu numa região fronteiriça do velho reino de Benguela, onde terminava a cidade branca e começava o musseke, portanto, produto já, como a própria cultura angolana, da confluência da base africana civilizacional e a influência euro-ocidental, notadamente portuguesa. É a partir de tal posição que propõe, através de sua obra a reescrita da história angolana, com uma visão não apenas do ponto de vista da colonização, da versão oficial, mas a interior, ou seja, pela visão daquelas populações que a viveram, de fato, longe de uma apologia nacionalista. Trata-se de uma identidade através da reunião dos elementos dispersos da memória. (TUTKIAN, 2006, p. 89-90)

Pepetela possuiu uma visão diversa da História de seu país, afinal, diferente de muitos descendentes de portugueses nascidos em Angola, o autor conviveu com pessoas das mais diversas etnias formadoras da população angolana. Em entrevista a Michel Laban (1991), Pepetela comenta que para ele desde criança era comum ter amigos de todas as cores. Afirma que vivia no que Luandino Vieira denominou por “fronteira do asfalto”. Diz que não percebia a diferença de cores entre as pessoas, somente quando tinha de doze para treze anos passou a perceber que a qualidade de vida não era a mesma para seus amigos, havia diferenças na situação de brancos e negros, assim como, seus amigos brancos tinham comportamentos, na visão de Pepetela, estranhos em relação aos amigos negros e mestiços com quem o autor convivia.

Na sequência, Pepetela observa que já se considerava nacionalista antes mesmo de ir para Portugal estudar na Casa dos Estudantes do Império, diferente de muitos outros estudantes de origem africana, que somente se tornaram nacionalistas depois dos debates realizados na Casa.

Os nacionalismos se tornaram mais fortes em África após a Segunda Guerra Mundial, momento em que ocorreu uma mudança no pensamento anticolonialista. Seria este um momento de maturação de mudanças sociais, culturais e políticas que haviam começado a florescer no início do século XX. (FIGUEIREDO, 2012). Com isto, as literaturas de cunho nacionalista se reforçam, questionando valores que anteriormente eram incutidos no imaginário popular pelos colonizadores que dominavam estas populações.

Conforme Laura Padilha (2007), embora em Angola houvesse uma busca pela ruptura com a literatura do colonizador, este foi um processo que não se rompe de imediato e nem mesmo depois da independência foi realizada de forma absoluta. Dessa forma, buscam em fatos anteriores ao período colonial, inspiração para a reangolanização da literatura. Isto se dá através do reencaminhamento para as tradições orais, pois esta era uma maneira de promover um distanciamento daquilo que era

produzido pela Metrópole. Padilha se vale das palavras de Antônio Cândido, quando este se refere ao século XIX no Brasil, para identificar o sentimento dos angolanos em relação à literatura, pois existia “o desejo de inventar um passado que já fosse nacional, marcando, desde cedo, a diferença em relação à mãe-pátria.” (PADILHA apud CÂNDIDO, 2007, p. 174).

Padilha realiza uma análise sobre a importância dos escritores para o movimento emancipatório de Angola, como também para a formação de uma nova identidade nacional. Conforme a professora

Sobretudo depois de 1961, a certeza de que tal construção não se pode dar sem luta. Os escritores se fazem também revolucionários, participando ativamente do movimento político de libertação. Por isso são quase todos presos e/ou exilados, quando não vivem na clandestinidade da guerrilha. Após a independência, em 11 de Novembro de 1975, eles passam, por sua vez, a formar os quadros dirigentes, empenhando-se diretamente na mudança estrutural do país. Literatura e construção da nacionalidade são duas faces de uma mesma moeda, cunhada, em um primeiro momento, entre 1948 e 1975, pelas várias gerações de escritores. Nasce, pois, ao mesmo tempo, a moderna literatura, a consciência de nacionalidade e a luta pela libertação, sendo difícil separar os processos estético e político-ideológico, que estabelecem entre si significativas interfaces, mesmo depois da independência. (PADILHA, 2007, p. 174-175).

Embora boa parcela da população do país fosse analfabeta, a literatura nascente auxiliou no processo de construção da tão esperada angolanidade. Não era necessário alfabetizar as pessoas somente na leitura e na escritura, mas sim, no sentido ideológico. Precisava-se criar uma identificação entre as pessoas. Estes escritores, que também trabalharam em prol da libertação de sua pátria, passaram a ocupar, no momento pós-independência, posições importantes dentro da estrutura política angolana. Devido ao engajamento dos literatos, as obras produzidas neste contexto refletem a situação do local.

Em suas obras as preocupações relacionadas ao desenvolvimento do país, principalmente quanto às questões sociais, são explicitadas. Existe a influência da vivência do autor em sua escrita literária. Quando questionado sobre por quais motivos não escreve sociologicamente, afirma o autor que

É porque realmente eu sou um ficcionista, não tinha nenhum objetivo. [...] Claro que podia fazê-lo com um ensaio acadêmico, não era essa a minha intenção. Eu vejo a coisa como ficcionista. Não houve portanto nenhum objeto pré-determinado para eu poder escrever sem saber o que ia escrever. Talvez a melhor medida que permitia ver como ia acabar. As personagens foram aparecendo, a ação foi-se desenrolando, logicamente, dentro daqueles

parâmetros duma situação que existia. Cenas imaginárias, uma ou outra pode não ser, uma ou outra não é. Mas de um modo geral é imaginário. É imaginário, mas foi a própria dinâmica das personagens que se foi impondo e deu naquilo. Portanto, não houve nenhum objetivo. Na época não tinha publicado nada, só alguns contos de juventude, mais nada... (SERRANO, 1999, p. 136-137).

Seu objetivo era analisar a situação do país, mostrar aquilo que acreditava que necessitava ser modificado, representava sua formação de cunho marxista e sua forte ligação com o MPLA, ademais rompe o silêncio imposto pela oficialidade histórica.

A ideologia do MPLA foi fundamental para a construção das obras retratadas neste trabalho, como também na percepção do outro, do país e na constituição do autor como cidadão angolano, que se percebia integrante de uma sociedade multiétnica, dilacerada por anos de uma dominação física e psicológica do colonizador europeu.

De acordo com Bakhtin (1981), a ideologia é uma das partes que subdivide a superestrutura, situada acima da base econômica. Em o *Marxismo e a Filosofia da Linguagem*, o autor afirma que os signos sociais são

Não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. Este é um ponto de suma importância. No entanto, por mais elementar e evidente que ele possa parecer, o estudo das ideologias ainda não tirou todas as consequências que dele decorrem. [...] Não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. (BAKHTIN, 2004, p.21)

Portanto, para Bakhtin e seu Círculo, a ideologia está pautada pelas relações histórico-materiais dos seres humanos, todos os signos utilizados pelas pessoas são permeados pela ideologia, fazendo com que estes nunca sejam neutros, portanto não existe neutralidade nos discursos. Para Miotello (2007), a partir da teoria Bakhtiniana, a “ideologia é o sistema sempre atual de representações da sociedade e do mundo constituído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos organizados.” (MIOTELLO, 2007, p. 176).

Tendo em vista este conceito de ideologia, podemos pensar na formação política de Pepetela como integrante do MPLA e a influência do mesmo na obra do autor, principalmente, no que se refere aos livros produzidos que retratam o momento da luta armada e da descolonização, ou seja, atuam como espelho das condições de produção da matéria artística.

De acordo com Marcelo Bittencourt, em seu artigo *A criação do MPLA*, escrito em 1997, a versão oficial divulgada pelos líderes do MPLA no início dos anos 60 e que é veiculada até os dias de hoje, afirma que o partido teria sido criado em dez de dezembro de 1956, em Luanda, após a unificação do Partido da Luta Unida de Angola (PLUA) com outros grupos nacionalistas. No entanto, existem dúvidas para o surgimento do Movimento.

Conforme Bittencourt,

As narrativas desencontradas estão relacionadas à disputa estabelecida entre a União das Populações de Angola (UPA) e o MPLA, visando maior legitimidade e os possíveis apoios de aliados internacionais. Lutava-se, de todas as formas, pela demonstração quanto a anterioridade da criação do movimento – fosse ele a UPA ou o MPLA – em relação ao oponente. (BITTENCOURT, 1997, p. 185).

A afirmação do professor Marcelo Bittencourt evidencia a existência de grupos nacionalistas em Angola, e são outros tantos além dos mencionados UPA e MPLA, que lutaram pela independência de Angola. As duas organizações mencionadas procuram mostrar qual dos dois foi fundado primeiro, informação esta que daria uma legitimidade maior para suas reivindicações, como também traria o apoio dos grupos desejados, já que o momento histórico ao qual o recorte anterior se refere é o da década de 60, momento de bipolarização mundial, em que o globo dividia-se em pró-EUA ou pró-URSS, momento este denominado por Guerra Fria, em que os movimentos para a libertação deveriam ter uma postura o mais anticolonial possível. Como percebemos, a escritura literária, bem como as organizações civis e militares baseiam-se em uma ideologia latente, levando a um patamar de escuta social a aparelhagem signífica do MPLA e de seu constructo marxista-leninista, operando, dessa forma, um decalque ideologicamente idealizado sobre a realidade da guerra.

## ANGOLA E AS AVENTURAS DE NGUNGA

A professora Sandra Pesavento (2006) traz importante colaboração para o uso da Literatura como categoria de análise dentro da História, pois através dela o historiador pode ter acesso a parte da realidade que, muitas vezes, é omitida dentro dos ditos discursos oficiais, já que, a partir da Literatura, é possível observar questões do imaginário dos grupos ali representados. A narrativa literária permite ampliar os horizontes exploratórios daqueles que a estudam, oferecendo outras perspectivas para o centro das pesquisas, ou ainda, servindo de preenchimento para lacunas deixadas por outras fontes utilizadas pela historiografia.

Os argumentos explicitados pela professora Sandra Pesavento (2006) auxiliam a justificar a importância deste estudo, pois a partir da análise das obras de Pepetela é possível ter um outro ponto de vista da história angolana. Partindo dessas observações, temos a obra *As Aventuras de Ngunga* que foi escrita durante o movimento de libertação angolano, em 1972, e publicada um ano depois, em forma mimeografada, para ser distribuída na Frente Leste de Resistência. Laura Padilha (2007) evidencia o fato de que a maioria da população angolana era analfabeta e um número expressivo de pessoas somente falava as línguas nacionais. Este era um fato a ser pensado, pois a maioria dos literatos produzia em português. Sendo assim, a autora menciona o fato de que ocorreu um processo de griotização da escrita, solucionando este que poderia ser um problema para o acesso à leitura. Portanto, quanto mais próxima estivesse a escrita da oralidade, de forma mais fácil ocorreria a reprodução da mesma, levando adiante as mensagens reformadoras que surgiam neste contexto.

Os novos textos, produzidos em língua portuguesa, tinham a necessidade de ser escritos de forma que pudessem ser contados em voz alta, como também pudessem ser reproduzidos pela memória. Pepetela produziu *As Aventuras de Ngunga*, tendo em vista que

A língua se fez, sem dúvida, um desses mediadores textuais. Tal fato justifica a preocupação de Pepetela, por exemplo, ao escrever em português, na Frente Leste, *As aventuras de Ngunga*, texto elaborado para servir como material didático às aulas daquela língua dadas à população que a dominava mal. Segundo o próprio autor, havia, por isso, uma preocupação explícita com a frase curta e uma diversificação do vocabulário que ajudavam a atingir os objetivos imediatos. Portanto, ao mesmo tempo em que buscava o processo revolucionário, de um lado, preservar as línguas nacionais, assegurando-lhes espaços concretos na fala, também se fazia necessário operacionalizar meios que garantissem um domínio mais eficaz da língua da colonização, base da

expressão literária que visava o atingimento dos dois públicos. O plurilinguismo dessa literatura me parece de novo revelar o movimento nos dois sentidos, ou seja, na busca da originalidade da cultura autóctone e na manutenção da língua da colonização, marca a presença cultural do outro. A costura dos fragmentos cria o seu entrelugar. (PADILHA, 2007, p. 176).

O objetivo inicial do livro era de servir como cartilha para a alfabetização das pessoas. Deveria ser um material didático bastante próximo ao público leitor, alfabetizando funcional e ideologicamente os guerrilheiros do MPLA. Com isto, se poderia assegurar, além de garantir espaço dentro das línguas faladas, o domínio maior da língua de forma escrita.

É Daniel Conte (2010) que traz a seguinte observação:

A ideia primeira da publicação do texto de Pepetela era a de auxiliar na alfabetização dos pioneiros do MPLA; o alto índice de analfabetismo e a dificuldade na comunicação entre os pares da resistência ao colonialismo português faziam com que emergisse uma dificuldade que antes não era tão perceptível como se configurava naquele momento da História: a palavra escrita tomava uma importância antes não tida. Numa sociedade tradicional, que durante séculos perpetuou o canto poético de sua cultura, explicando a gênese da vida e da morte, conquistando territórios e afastando os kazumbis, sempre pautada sobre a oralidade ordenadora do coletivo, para essa organização social, a importância em que se alicerçava o verbo posto no branco do papel soava estranho e paradoxal. (CONTE, 2010, p. 177).

Acreditava-se que era necessário, para chegar ao objetivo de alfabetizar o maior número possível de pessoas, colocar no papel uma nova maneira de observar a situação em que o país se encontrava. Era difícil a situação, se pensarmos na organização sistêmica literária existente naquele então. Enquanto os portugueses comandaram Angola, não existia uma preocupação em alfabetizar as pessoas, bem porque estender a possibilidade da leitura traria uma série incontornável de questionamentos e favoreceria uma organização mais contundente do que aquelas que se espalharam ao largo dos quinhentos anos de colonialismo. É com sua obra que Pepetela tenta, agora, suprir esta carência. Evidenciar os valores da nação, como objetivo de ultrapassar as barreiras que existiam por causa da diversidade étnica, podendo a partir destas etnias criar a identidade nacional, objetivando também rever os códigos que fundamentavam a organização do tribalismo.

A retomada do país, por parte dos povos colonizados, faz parte de um processo longo e doloroso, iniciado no momento da colonização, já que as populações



inicialmente resistem à invasão, e depois, necessitam se manter ideologicamente, a fim de não verem sua cultura sucumbir à do colonizador. A ideia que Said (1999) traz sobre a resistência e a construção de uma base ideológica nacional nos faz pensar sobre o objetivo de Pepetela com *As Aventuras de Ngunga* e o que se esperava construir a partir desta narrativa, um sentimento de angolanidade, a constituição de uma identidade nacional, a busca pela unidade.

De acordo com entrevista de Pepetela para Carlos Serrano, o livro *As Aventuras de Ngunga* traz traços importantes da cultura angolana e preocupa-se com questões simbólicas significativas. A questão

da linguagem já é muito mais cuidada para ser entendida por crianças. Os temas tratados mais resumidamente. Mais ou menos todos os capítulos ficaram com o mesmo tamanho, até. Havia uma preocupação didática, podiam ser distribuídos. Aí sim já havia outro objetivo. Aí foi escolhida a ficção por ter maior impacto, as idéias passavam, as crianças e os guerrilheiros também podiam ler, intessar-se-iam porque era uma obra de ficção, complementava, digamos, o texto político que estavam acostumados a ler. (SERRANO, 1999, p. 137).

A obra narra a história de Ngunga, um jovem órfão de treze anos, que inicialmente era protegido por Nossa Luta, um pioneiro do MPLA, e, ainda, traz a construção do menino em suas viagens pelos diferentes kimbos (povoados).

Nos capítulos da narrativa são apresentadas a organização dos kimbos, a questão do conflito armado, o respeito à tradição, a visão dos angolanos em relação aos tucas<sup>2</sup>, a percepção do homem branco, a preocupação com a educação escolar, relação entre homens e mulheres, como também a ênfase às atitudes negativas que os adultos podem ter e que deveriam ser deixadas de lado quando Angola fosse independente, tudo isso precedido pelo olhar de um menino órfão.

No momento da luta armada, a questão do tribalismo foi um entrave para a organização do MPLA, pois existiam conflitos internos gerados pelas diferenças étnicas. Organizar ideologicamente pessoas de diferentes grupos étnicos, que deveriam ter um objetivo em comum, foi bastante difícil, já que estes indivíduos acreditavam que determinados grupos eram mais beneficiados que outros. Estas ideias de que determinados grupos tinham privilégios sobre outros, surgiu no período colonial e foi fomentado pelo Sistema com a ideia de fragmentar a organização dos povos subjugados

---

<sup>2</sup> Portugueses.

ao sistema colonial. O governo criou uma divisão dentro da organização social da população, gerando a ideia de que alguns grupos eram superiores a outros, e isto acabou por perpetuar-se na sociedade Angolana, que via os conflitos tribais como favorecedores das rupturas.

A obra de Pepetela surge no sentido de auxiliar na construção-representativa de uma identidade cultural para os angolanos, identidade que deveria ser forjada a partir de qualidades como o respeito à coletividade, não aceitar a dominação, a recusa de tradições, a “venda das mulheres” através do dote e, também, a preocupação com a educação para a formação de cidadãos que pudessem reivindicar seus direitos, objetivando deixar de lado questões étnicas ao dar ênfase ao “ser angolano”.

Para Carmen Tindó Secco, Ngunga representa

o singelo herói fundador de uma Angola libertária. Sua viagem representa a travessia de iniciação dos que lutaram pela Independência. Como os heróis lendários, Ngunga desaparece ao final sem explicações, mas, ao contrário dos velhos mitos, não reforça todos os costumes da tradição; crítica, por exemplo, o alambamento, isto é, o hábito dos dotes exigidos nos casamentos tribais; questiona também a usura de certos sobas (chefes tradicionais das aldeias angolanas) e os ressentimentos tribalistas que motivaram, no passado, e motivam ainda tantas guerras entre algumas das etnias de Angola. (SECCO, 2002).

Seu olhar é crítico, averigua aquilo que é feito pelos adultos, e com isto, acaba por deixar de acreditar nas pessoas mais velhas, pois percebe que este realizam coisas que não são corretas. “O camarada professor é capaz de ser ainda um bocado criança, não sei. Por isso ainda é bom. Mas também é mau. Com Chiuvala, foi mau. Não devia mandá-lo embora.” (PEPETELA, 1981, p. 30).

Ao viajar pelos kimbos, o jovem Ngunga passa a conhecer a realidade de Angola, como também os problemas que o país enfrentava. O menino se constrói ao reconhecer o outro, dentro desta relação dialógica o jovem se constitui, com sua visão pautada na puerilidade.

No caso de Ngunga, a viagem o faz cada vez mais plural, o faz ter uma visão topográfica da sociedade. Uma pluralidade que era buscada dentro do Movimento de modo a fazer-se surgir o Novo-Homem angolano, inserindo-o em uma sociedade especial, se vislumbrarmos desde uma perspectiva antropológica. O homem que vai ultrapassar fronteiras com o olhar de viajante, o olhar descomprometido com a análise conceitual, mas erguido sobre ela e sobre a vontade da assimilação antropofágica daquilo que vê e nele não está. Quando afirmo que era necessário superar os valores tribais, relativizando o poder incontestado atribuído aos eleitos, significa que a revisão

deve perpassar todos os pontos, e dentre eles, um dos mais cruéis: o tribalismo, um conceito antigo, existente na estrutura social e no imaginário africanos, mas reelaborado de forma extremamente perversa pela máquina colonizadora que produzia tensões adversas de alimentação ao ódio coletivo. Uma intolerância étnica que emperra o movimento da resistência. Impede um melhor desempenho das forças do MPLA, devido ao fomento dessa alteridade xenofóbica sistematizada nas frentes de batalha e pulverizada, principalmente, pela UPA. (CONTE, 2010, p. 179).

As palavras são significativas, se pensarmos que Ngunga não representa o término das tradições, mas, sim, uma mostra de que existe a possibilidade de reestruturação do país, através de sujeitos com maior liberdade em relação às tradições e resistente à colonização. O menino só conhece esta realidade por estar migrando durante a guerra de resistência, podia observar o que ocorria, diferente daqueles, como as mulheres, que estavam presos aos seus kimbos, espaço de permanência e imobilidade simbólicas.

Em seu livro *Entre voz e letra*, Laura Padilha nos ensina que

É nesse novo espaço fora da cidade, nesse mundo rural em que se diz a luta, que encontramos o já pioneiro Ngunga [...] em sua viagem para o conhecimento, na melhor tradição dos velhos missossos. [...] Ngunga faz sua viagem para encontrar seu destino; também ele passa por rios e florestas, comendo o que os animais comem, bebendo o que os animais bebem. Procura integrar-se ao cosmo, fundindo-se à natureza tão amada por ele. [...] Em sua viagem, Ngunga encontra obstáculos a vencer, que estão menos nas coisas que nos homens. Com isso, vai travando seu diálogo com a morte. Aprende a matar, para defender seu povo, - e aprende a desconfiar da palavra e dos atos dos homens, pois só acredita na pureza das crianças. (PADILHA, 2007, p. 186-187).

A professora (2007) realiza uma análise sobre a maneira com a qual ocorre a aprendizagem do personagem Ngunga, aprendizagem esta que representa a liberdade e que está relacionada ao espaço em que o menino vive, como também a questão da viagem.

Percebe-se ao largo da tessitura narrativa a ação da memória, que segundo Michel Pollak, “é um fenômeno construído. Seja ela individual ou coletiva. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.” (POLLAK, 1992, p.4). Observa-se isto através do fato de o menino nunca ter visto uma pessoa branca, porém já havia escutado histórias sobre elas e

partilhava deste imaginário construído sobre este outro. Assim, como nunca havia visto brancos, Ngunga também não conhecia seu idioma, a língua portuguesa. Identifica-se que Ngunga falava o idioma mbunda, língua esta falada por grande parte dos angolanos. “Este é o Ngunga? Um bandido tão pequeno! Foste tu que disparaste sobre os soldados, não é? Traduziram a fala do branco para mbunda”. (PEPETELA, 1981, p. 36).

No decorrer da obra, a relação entre colonizador e colonizado recebe destaque, no entanto, esta ocorre evidenciando a visão do colonizado e a forma como ele percebia o tratamento recebido por parte da metrópole, como as ações realizadas pelo exército português. “Ngunga nunca havia visto um branco. Só vira um mestiço num grupo de camaradas que passaram no seu kimbo, a caminho de Bié. “Afinal não metia medo nenhum”, pensou ele, “só que é branco”. (PEPETELA, 1981, p.36). O menino sabia dos brancos somente aquilo que lhe haviam falado sobre estas pessoas. O que havia sido construído pela coletividade do grupo social em que estava inserido, ou melhor, a realidade lhe chegava pela memória altera.

Outros aspectos da cultura angolana, presentes ainda no período da luta anticolonial e que recebe destaque no decorrer da obra, é o tribalismo, existente na estrutura social e no imaginário das sociedades africanas e que havia sido reelaborado pelos colonizadores portugueses e, pela forma com a qual se organizou, acabava por fomentar o ódio coletivo. O movimento de resistência acabava por ser travado pela intolerância étnica.

O colonizador aproveitou-se de algo que já fazia parte da memória coletiva da população angolana e a deturpou, de forma que esta memória servisse a seu favor.

É desta forma que o tribalismo persistia em Angola. A memória do grupo mantinha a estrutura social desta maneira, acreditava-se que a situação deveria ocorrer neste sentido, a tradição passava oralmente, confirmando a organização social a partir dos relatos dos mais velhos.

As pessoas mais velhas eram respeitadas, porém, muitas destas pessoas eram desabonadas por Ngunga, como o Presidente Kafuxi, por exemplo, que era o chefe do povo há bastante tempo e que, por causa de suas atitudes, fez com que o menino começasse a deixar de acreditar no que era dito pelos mais velhos. “Começava a perceber que as palavras nada valiam” (PEPETELA, 1981, p. 16), uma vez que a práxis do velho destoava de seu discurso, originando um abismo entre a palavra e o fazer.

Um homem em Angola, conforme a tradição e representado por Pepetela em *As aventuras de Ngunga*, teria sua riqueza medida pelo número de mulheres que possuía,

pois eram as mulheres as responsáveis pela agricultura e, portanto, quem produzia os alimentos que posteriormente seriam enviados para os pioneiros presentes nos combates contra a Metrópole.

Tal situação pode ser observada através do seguinte fragmento, que informa que

O Responsável só falava nas três mulheres do Kafuxi e esquecia o Ngunga, que trabalhava tanto quanto elas. Então o velho Kafuxi, com quatro pessoas a trabalhar para ele, dava o mesmo para os guerrilheiros que o velho Munguindo, que nem mulher tinha? [...] Mas, depois da conversa que tinha ouvido, Ngunga ficou a pensar. Afinal o velho estava a aproveitar. Era rico que os outros, pois tinha mais mulheres. Além disso, tinha Ngunga, que trabalhava todo o dia e só comia um pouco. Uma parte de seu trabalho, uma canequita talvez, ia para os guerrilheiros. Algumas canecas iam para sua alimentação. E o resto? As quindas de fubá que ele ajudava a produzir, o peixe que pescava no Kuando, o mel que tirava dos cortiços? Tudo ia para o velho, que guardava para trocar com pano. [...] Ngunga pensava, pensava. Todos os adultos eram assim egoístas? Ele, Ngunga, nada possuía. Não, tinha uma coisa, era essa força dos bracitos. E essa força ele oferecia aos outros, trabalhando na lavra, para arranjar comida aos guerrilheiros. Era generoso. Mas os adultos? Só pensavam neles. Até mesmo o chefe do povo, escolhido pelo Movimento para dirigir o povo. Estava certo? (PEPETELA, 1981, p. 14-15).

A atitude do Presidente Kafuxi é um exemplo de que os valores estão permeados pela corrupção administrativa do colonizador português e que representam uma falha grave para o MPLA, o acúmulo, a mais-valia, e que é contra a ideologia do partido comunista, a crítica à atitude é potencializada. Ngunga avalia que as palavras do Presidente não condizem com suas ações, a falta de veracidade nelas desconstrói a probabilidade da coerência tradicional, o que faz com que a ideia de questionamento seja reforçada.

No decorrer dos capítulos. Ngunga segue sua migração entre os kimbos. As pessoas queriam que Ngunga retrocedesse em seu caminho, pois mais para frente encontraria os colonialistas, também um idoso convidou-o para ficar, prometendo alimentá-lo e ensiná-lo a produzir cachimbos. No entanto, “Ngunga queria saber se em toda parte os homens são iguais, somente pensando neles. Em alguns lugares davam comida fácil, porém Ngunga pensava que isto era só aparência. Todas as pessoas perseguiam um fim escondido”. (PEPETELA, 1981, p. 7).

Ao término da obra, Ngunga parte e abandona seu nome, que somente é conhecido por Uassamba, seu primeiro amor, que não pode se efetivar, pois a menina precisou se casar com um homem mais velho. Segue em sua viagem, agora sem nome conhecido, para poder efetivar o sonho de uma Angola livre.

Dentro de qualquer um poderia haver características de Ngunga. “Se Ngunga está em todos nós, que esperamos para o fazer crescer?” (PEPETELA, 1981, p. 59). Todos os que se negavam “viver no arame farpado” ou a viver em um mundo dividido entre patrões e criados, todos os que desejam igualdade.

### **PORTANTO...**

O autor faz uma retomada da cultura de seu país, para que a partir dela pudesse se traçar uma nova identidade. Criticando o que acreditava ser negativo, acentuado o que pensava que deveria ser ressignificado.

*As Aventuras de Ngunga* não somente se mostra como uma forma de indicar aos angolanos o engajamento na luta de resistência, mas, também, denuncia a corrupção que existia dentro do próprio Movimento, como também destaca que todos deveriam ter comprometimento com o coletivo.

As relações tribais têm seu poder abalado e, sendo assim, aos poucos vão perdendo seu espaço, para que se possa construir um discurso revolucionário. Ngunga constrói sua história ao viajar pelos kimbos e traz em sua memória diferentes espaços, mesmo que estes sejam alheios, ele os toma como seus. Com isto o jovem pode comparar diversas práticas, atitudes, pessoas e relações, desta forma enriquecendo sua percepção de mundo. É desta forma que Ngunga pode observar com maior clareza o que o cerca, como conhece seu país através de suas viagens às mais variadas localidades, como pode analisar o todo. Assim, Ngunga pode seguir rumo a consciência revolucionária, pois pode pensar na realidade social de forma que possa refletir comparativamente, construindo sua percepção sobre os diversos níveis de dominação que estão permeados na organização social de seu país.

A mudança de Ngunga de menino para homem autentica a construção de um novo homem angolano, que surge devido às transformações da sociedade, que acaba por se diferir dos outros por representar uma ruptura com o tribalismo vigente, mostrando que o que era objetivado pelos revolucionários é possível. Ngunga começa como uma criança vitimizada e no decorrer da história se constrói como pessoa, sendo que ao final da mesma se constitui como um homem adulto, sem perder as qualidades que possuía previamente, mas também adquirindo outras. Desta forma, através deste romance, além

de auxiliar na questão didática e no ensinamento da língua portuguesa, Pepetela busca, através de Ngunga, que surge quase como um herói, a construção de valores para a nova sociedade angolana. a ideologia e o aparelhamento psíquico dela oriundo para a sequência da luta.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BITTENCOURT, Marcelo. A criação do MPLA. **Estudos Afro-Asiáticos**, 32: p. 185 – 208, Rio de Janeiro, CEAA/UCAM, dezembro de 1997.

CONTE, Daniel. O menino e o silêncio. **Organon**, Porto Alegre, nº 47, julho-dezembro, 2010, p.177 – 205.

FIGUEIREDO, Fábio. Comunistas e Pró-Occidentais: Algumas Observações Sobre o Departamento de Estado Norte-Americano e os Movimentos Nacionalistas Angolanos, 1960-1961. **Afro-Ásia**. UFBA, 2008. Disponível em: <[http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia38\\_pp87\\_139\\_baqueiro.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia38_pp87_139_baqueiro.pdf)>. Acesso em: 5 jan. 2015.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. O corpo feminino da nação. In: **Scripta**. Belo

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: Brait, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. São Paulo: Ática, 1981.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>> Acesso em: 07 jan 2015.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, vol. 5, n 10, 1992, p. 200-212.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. **Na Curva Oblonga Do Tempo, Uma Alegórica Parábola**. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/126-na-curva-oblonga-do-tempo-uma-aleg%C3%B3rica-par%C3%A1bola>> Acesso em: 17 mai. 2014.

SERRANO, Carlos. **O romance como documento social**: o caso de Mayombe. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49013/53091>> Acesso em: 20 mar. 2015.

TUTKIAN, Jane. **Velhas identidades novas** – o pós-colonialismo e a emergência das nações de Língua Portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.